

# COMUNHÃO

*Revista Espírita Bimestral*

da

**COMUNHÃO ESPÍRITA CRISTÃ DE LISBOA**

[www.comunhaolisboa.com](http://www.comunhaolisboa.com)

email : ceclx @sapo.pt

ANO 40

2023

Nº. 249

**MAIO - JUNHO**

*( Não aderimos ao último acordo ortográfico )*

\*

Administração, Composição e Impressão Rua das Pedralvas, nº. 1-A 1500-487 Lisboa Telefone : 217647441 *	Índice	Página
	<b>Editorial</b>	2
	<b>Recordando A.Kardec</b>	4
	<b>Jesus chorou!</b>	6
	<b>O comportamento esp.cristão</b>	9
	<b>Secar lágrimas com Jesus</b>	12
	<b>O Passado presente</b>	14
Direcção Manuela Vasconcelos	<b>John Huss</b>	17
	<b>Senhora!</b>	24
	<b>Dia da Mãe</b>	25
*	<b>O Dia da Mãe de todas...</b>	28

## EDITORIAL

E mais uma vez o tempo foi correndo, trazendo-nos o momento da elaboração de um novo número da nossa Revista. É verdade que os assuntos começam a ser preparados com antecedência mas, embora ela “carregue” sempre poucas páginas, às vezes essas poucas páginas deram-nos um trabalho imenso a serem elaboradas.

Desta vez, e porque temos procurado nas nossas palestras, falar um pouco daqueles que nos antecederam no tempo e na propagação da Doutrina do Cristo, vamos repetir um artigo com alguns anos que nos recorda quem foi JOHN HUSS. Você sabe? Sabe que, tal como aconteceu a outros nomes do Passado, também ele foi condenado a morrer na fogueira... e, como ele, o seu amigo e aluno da época, aquele que ficou com ele até ao fim e, depois, mais tarde, voltámos a encontrar como mentor de Léon Denis? É ele, sim, Jerónimo de Praga, seu contemporâneo naquela época, tal como ressurgiu, mais tarde, a apoiar um contemporâneo e continuador de Allan Kardec mas, desta vez, no Plano Espiritual.

E nós ficamos gratos a todos esses seres que nos “guardaram” o caminho que Jesus nos doou – O Consolador – para o trazerem até nós, aos nossos dias, e dizerem a nós outros o “Quem somos”, “donde viemos”, “Qual a estação dos nossos destinos”.

Muito devemos a esses seres de eleição que arrostaram com leis e atitudes de perseguição tremendas para defenderem aquilo que sentiram ser A VERDADE, que, por o ser, não morreu mas

teve de ser defendida e guardada com o comportamento gritante da fé de uns e outros.

E recordando que Allan Kardec foi um sacerdote druida na antiga Gália (hoje, França), lembramos, assim, que a Lei da Reencarnação, sendo divina, é aquela que nos permite, com o passar dos tempos, irmos transformando a pedra rude que já fomos no ser que hoje caminha em busca da sua angelitude, lutando pela evolução que é de e para todos nós.

Deus aguarda-nos e não colocou nenhum limite ao tempo dessa nossa “conquista”! Para a conseguirmos basta-nos, apenas, a Fé e a vontade, maior ou menor, de quereremos ser felizes deixando de cairmos a cada passo que vamos dando...

\*

Contra tudo o que costumamos fazer, hoje apresentamos dois artigos diferentes baseados num mesmo título, e, embora entre nós, terrenos, se afirme que “Cada cabeça, cada sentença”, pensamos que os dois se completam nas suas diferentes - e idênticas apesar de tudo – palavras: são elas de dois “espíritos ferrenhos”, ambos procurando levar mais longe os ensinamentos do Divino Amigo, ambos podendo ser chamados de “apóstolos da Nova Era”. Ambos, com Jesus. Então,

Que Ele nos abençoe a todos!

### ***A DIRECÇÃO***

\*

## **RECORDANDO ALLAN KARDEC**

Os Espíritos não se enganaram quando anunciaram que flagelos de toda sorte devastariam a Terra. Sabe-se que a Argélia não é o único país em provação (artigo sobre a fome na Argélia). Na *Revista* de Julho de 1867, descrevemos a terrível doença que, há um ano, flagelava a Ilha Maurício. Uma cura recente diz, que à doença, vieram juntar-se novas desgraças, e muitas outras regiões neste momento são vítimas de acontecimentos desastrosos.

Deve-se acusar a Providência por todas essas misérias? Não, mas a ignorância, a incúria, consequências da ignorância, o egoísmo, o orgulho e as paixões dos homens. Deus só quer o bem; fez tudo para o bem; deu aos homens os meios de serem felizes; a estes cabe aplica-los, se não quiserem adquirir a experiência à própria custa. Seria fácil demonstrar que todos os flagelos poderiam ser conjurados, ou pelo menos atenuados, de maneira a lhes paralisar os efeitos; é o que faremos ulteriormente, numa obra especial. Os homens não devem culpar senão a si mesmos pelos males que suportam. A Argélia nos oferece neste momento um notável exemplo: são as populações árabes, despreocupadas e imprevidentes, embrutecidas pelo fanatismo, que sofrem fome, ao passo que os europeus souberam prevenir-se contra ela. Mas há outros flagelos, não menos desastrosos, contra os quais estes últimos ainda não souberam prevenir-se.

A própria violência do mal constringerá os homens a buscarem o remédio; e, quando, inutilmente, tiverem esgotado os paliativos, compreenderão a necessidade de atacar o mal na própria raiz, por meios heroicos. Este será um dos resultados da transformação que se opera na Humanidade.

Mas, dirão, que importa aos que sofrem agora a felicidade das gerações futuras? Terão tido o trabalho e os outros o proveito; terão trabalhado, suportado o fardo de todas as misérias inseparáveis da ignorância, preparando os caminhos, que os outros colherão, porque Deus os terá feito nascer em tempos melhores. Que faz às vítimas da exaustão da Idade Média o regime mais saudável no qual vivemos? Pode-se chamar a isto de justiça?

É notório que, até hoje, nenhuma filosofia, nenhuma doutrina religiosa tinha resolvido esta grave questão, de tão poderoso interesse, entretanto, para a Humanidade. Só o Espiritismo lhe dá uma solução racional pela reencarnação, essa chave de tantos problemas, que se julgavam insolúveis. Em virtude da pluralidade das existências, as gerações que se sucedem são compostas das mesmas individualidades espirituais, que renascem em diferentes épocas e aproveitam os melhoramentos que elas próprias prepararam, da experiência que adquiriram no passado. São novos homens que nascem; são os mesmos homens que renascem mais adiantados. Trabalhando cada geração para o futuro, na realidade trabalha para sua própria conta. A Idade Média foi, seguramente, uma época muito calamitosa; revivendo hoje, os homens daquele tempo se beneficiam do progresso realizado e são mais felizes, porque têm melhores instituições. Mas quem fez melhores essas instituições? *Os mesmos que outrora as tinham feito más.* Devendo os de hoje reviver mais tarde, num meio ainda mais depurado, recolherão o que houverem semeado; serão mais esclarecidos, e nem os seus sofrimentos, nem os seus trabalhos anteriores terão sido em vão. Que coragem, que resignação não lhes daria esta ideia, inculcada no espírito dos homens! (Vide *A Gênese*, cap. XVIII, nºs. 34 e 35).

( IN: “A Fome na Argélia”, Revista Espírita, Maio de 1868, ed. FEP/FEB, 1ª ed. 2018, Lx.) .

\*

## JESUS CHOROU

Temos, no versículo 35 do capítulo XI do Evangelho de João, a citação de que **Jesus chorou**.

Este versículo é comumente citado como sendo o mais curto da Bíblia, contudo, não é para falar de sua brevidade nem tão pouco para comentar seu significado segundo a interpretação comum, aquela de que o Mestre chorou pela morte de seu amigo que amava.

Lendo todo o capítulo desde o início, com atenção, vemos que o Evangelista começa a narrar deixando-nos a par do estado de enfermidade de Lázaro, de forma que suas irmãs, Marta e Maria, enviaram um emissário para informar nosso Salvador sobre o estado de enfermidade daquele que Ele amava (XI:3).

Em resposta, Jesus anuncia que não se tratava de enfermidade que o levaria à morte, “mas para glória de Deus; para que o filho de Deus seja glorificado por ela” (XI:4). Desta forma, podemos concluir e afirmar que Ele sabia exactamente o que estava acontecendo e o que deveria ser feito.

Para que se cumprisse o que deveria suceder, Nosso Salvador ainda ficou mais dois dias “no lugar onde estava (XI:6), e somente depois, passados estes dias se dirigiu para onde Lázaro estava e, mesmo sob protestos de seus discípulos, pois fazia poucos dias que queriam apedrejá-Lo, lá foram (XI:8).

No caminho, Ele anunciou que Lázaro dormia (XI:11), contudo como foi mal interpretado pelos seus discípulos (XI:13), “então Jesus disse-lhes claramente: Lázaro está morto” (XI:14).

Depois deste anúncio, deixa claro que está satisfeito com o ocorrido, considerando que o facto se consumou sem estarem presentes nem Ele nem seus discípulos, para que o que viria a acontecer servisse de lição para todos os presentes (XI:15).

Chegou ao local já com 4 dias do ocorrido, isso para não pairar dúvidas sobre o estado do amigo. Enquanto isso, Marta e Maria, as irmãs de Lázaro, estavam recolhidas em luto, recebendo os pêsames da comunidade, e quando souberam que Jesus se aproximava, Marta correu ao seu encontro enquanto Maria, a que ungiu o estre com óleo e enxugou seus pés, ficou em casa (XIV:17-20).

É a partir deste ponto que baseio minha releitura deste trecho, pois primeiro vem o diálogo com Marta, que se mostra desesperada e desorientada, sinais de falta de fé (XI:21-24). Depois chega Maria, no mesmo estado de espírito de sua irmã (XI:32).

Foi então que, na minha conclusão, vendo que todos aqueles que lhe eram os mais próximos, que viram os cegos voltarem a enxergar, os paralíticos a andarem, e os mortos a voltarem à vida, que ouviram de sua boca que Ele “é a

ressurreição e a Vida, quem crê n’Ele nunca morrerá (XI:25-26)”, nosso Mestre se entristeceu, pois viu que nada aprenderam e nada guardaram das coisas que ouvira, e viram directamente d’Ele.

Então, Ele chorou (XI:35).

Fazendo um paralelo, guardando as proporções, é uma situação que professores, pais e todos aqueles que têm sob sua tutela alguém, vive com muita frequência: a de que nos entristecemos quando, depois de um ano inteiro de aulas e explicações, os alunos não respondem às avaliações finais, e precisam repetir a matéria dada. Quando os filhos ou tutelados, a despeito do exemplo, sacrifícios e dedicação dos pais, renegam tudo e assumem-se com a roupagem de filhos pródigos, e precisam repetir a experiência rejeitada.

Entristecem e choram, não por eles mas por aqueles que perderam a grande oportunidade, talvez a última, antes do choro e ranger de dentes – não daqueles mas deles próprios.

**MARCO ANTÓNIO S. PEREIRA, Ph. D.**  
(Itaquera – S. Paulo, Brasil)

\*

## O COMPORTAMENTO ESPÍRITA-CRISTÃO

*O Espiritismo oferece recursos para se superarem aflições e desequilíbrios – R. C.*

\*

*Na verdade é já realmente uma falta entre vós terdes demandas uns contra os outros. Por que não sofreis, antes, a injustiça? Por que não sofreis, antes, o dano? – PAULO (I Cor.,6:7).*

A questão das demandas aqui analisada transcende o âmbito das alçadas dos tribunais, vez que elas (as demandas) expressam-se numa escala muito mais ampla no cerne dos lares e das instituições.

Esclarece Emmanuel<sup>1</sup>: “(...) *ai se movimentam através do desregramento mental e da conversação em surdina, no lodo invisível do ódio que asfixia corações e anula energias ao óleo da animosidade recalcada.*

*De modo geral, inúmeras criaturas preferem a atitude agressiva, de espada às mãos, esgrimindo com calor na ilusória suposição de operar o conserto do próximo. Prontos a protestar, a acusar e criticar com grande estardalhaço, costumam esclarecer que servem à Verdade. Por qual motivo, porém, não exemplificam a própria fé, suportando a injustiça e o dano heroicamente, no silêncio da alma fiel, antes da opção por qualquer revide?*

*Quantos lares seriam felizes, quantas instituições se converteriam em permanentes mananciais de luz, se os crentes do Evangelho aprendessem a calar para falar, a seu tempo, com proveito.”*

Se já estamos na Doutrina Espírita há algum tempo e o nosso comportamento frente às injustiças, calúnias, vicissitudes, morte, ainda é o mesmo de antes, significa isso que apenas estamos na superfície do Espiritismo, mas o Espiritismo não está em nós.

Sendo Jesus nosso “*Modelo e Guia*”, conforme assertiva dos Espíritos Superiores<sup>2</sup>, e sendo espírita somente aquele que “*se esforça – perseverantemente – para reformar-se moralmente e combater suas más inclinações*”<sup>3</sup>, não é digno de ser chamado discípulo do Cristo ou Espírita senão aquele que satisfaça essas condições.

O discurso de Jesus, para o discípulo sincero, deverá ser o parâmetro comportamental para o curso de sua vida. Há que se compreender tudo isso, ter convicção mesmo, porque “*se o primeiro e mais imediato efeito da adoção das directrizes da Doutrina Espírita, a transformação moral do homem, que serve de base para a sua constante renovação interior, comandando-lhe o “modus-vivendi”.*

Pela mediunidade de Divaldo Pereira Franco, aprendemos com o Espírito Vianna de Carvalho<sup>4</sup> que “(...) *com muita justeza, Allan Kardec situa, na transformação do homem, o efeito positivo do Espiritismo, porque elucida a gênese dos problemas que afectam o individuo e simultaneamente oferece os recursos para*

*equacionar as dificuldades de qualquer natureza, que produzam aflição e desequilíbrio.*

*Doutrina de Responsabilidade pessoal, conscientiza a criatura dos deveres para com a vida e dos resultados que defluem dos seus próprios actos, sendo, ele próprio, o sementeiro e o colhedor da gleba que lhe diz respeito.*

*A adopção do Espiritismo faz-se revelada, quando o indivíduo é de carácter rebelde e torna-se dócil; agressivo e faz-se gentil; tirano e modifica-se para compassivo; avaro e passa a ser generoso; maledicente e adopta a compreensão; intolerante e transforma-se em piedoso; atrabiliário e converte-se em equilibrado; perturbador e apresenta-se pacificado... Quando consegue sair da faixa das depressões para o optimismo; do medo para a confiança; do ódio para o amor; da vingança para a solidariedade; da violência sistemática para a fraternidade; do orgulho para a humildade... Quando a confiança substitui a suspeita pertinaz; a esperança toma conta da paisagem da dúvida; a alegria sem exagero sobrepõe-se à tristeza causticante; a prece revela-se um hábito em lugar da blasfémia ou da revolta surda... Quando a doença de qualquer espécie deixa de ser desgraça para converter-se em processo de purificação e os problemas em geral recebem lentas, mas seguras soluções reais, aquelas que lhes vão às nascentes, impondo terapia de paz e alegria... Quando a morte de um ser amado não representa infortúnio traumatizante, mas antes sendo uma libertação que traz conforto e serenidade.*

*Já não ressuma vibrações deletérias, antes habituais, porém, atrai um magnetismo benéfico, irradiando bem-estar que aos outros contagia. Confia em Deus, sem misticismo pernicioso, e age com perseverança, na mesma postura, seja no júbilo ou sob dificuldades, mantendo a mesma positiva insistência no bem.*

*Silencia o mal e não o vitaliza; acolhe a perseguição e não revida; entende cada qual no estágio em que se encontra, conforme as suas conquistas morais; sem impor-se, libera aqueles que lhe compartilhem a vida sem a mesquinhez do domínio enganoso; sofre, porém não desanima, mesmo quando outros desertam... É, em suma, feliz, sem embargo das conjunturas naturais que defronte.”*

1 – XAVIER, F. Cândido, *Pão Nosso*, 17 ed. Rio (de Janeiro): FEB, 1996, cap. 143;

2 – KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos*, 88. Ed. Rio (de Janeiro): FEB, 2006, q. 625;

3 – KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, 125 ed. Rio: FEB, 2006, cap. XVII, item 4, § 5º;

4 – FRANCO, Divaldo. *Reflexões Espíritas*. Salvador; LEAL, 1992, cap. 25.

**ROGÉRIO COELHO**

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

\*

## **SECAR LÁGRIMAS, COM JESUS!**

O Espiritismo é a luz que alimenta e consola – R.G.

*Que fazes de especial? – JESUS*

- (Mt., V:47).

Secar lágrimas com Jesus é abraçar nosso irmão em sofrimento físico e moral, transformando em flores os espinhos ferintes; é erradicar as sombras que vicejam férteis no tremedal

das paixões dissolventes; é esparzir a Luz do Evangelho nos densos nevoeiros da ignorância; é procurar a miséria alheia e minorá-la antes que, humilhada, ela nos procure; é procurar conhecer-nos a nós mesmos para podermos conhecer e auxiliar nossos semelhantes; enfim, secar lágrimas com Jesus será o resultado de todo trabalho desinteressado e edificante na Seara do Bem...

“*Jesus chorou*”. Apenas duas palavras formando tão pungente frase! É o menor versículo existente na Bíblia.

Jesus chora até hoje porque, embora conhecendo Seu Evangelho, ainda o não praticamos em toda sua pujança e beleza!

Jesus chora até hoje porque os que se proclamam cristãos se matam em nome da fé quimérica que professam!

Jesus chora até hoje porque os cultos cristãos foram transformados em bandeiras de ideologias políticas totalmente desvinculadas de sua magna finalidade de voltar o homem para Deus!

Jesus chora até hoje porque os cristãos que nos jactamos ser ainda nos banhamos nas águas lustrais da essência de Seus alcandorados ensinamentos.

Secar lágrimas com Jesus e secar as lágrimas de Jesus é missão de todo Espírita-Cristão. Para isto veio o “*Consolador*”.

A Doutrina Espírita é o caminho seguro que nos conduzirá à suprema felicidade.

Segundo Emmanuel, “*o Espiritismo é a divina empresa do Senhor, na qual somos servos convocados a trabalhar*”, é luz abençoada que nos compete estender...

Inspiradamente, completa Amaral Ornelas:  
“*O Espiritismo é a luz que alimenta e consola,  
Aclarando e brunindo o coração e a mente  
No Evangelho do Amor que brilha renascente  
Sobre a treva abismal em que a fé se acrisola.*”

**ROGÉRIO COELHO**

(Manhuaçu – M. Gerais – Brasil)

\*

## **O PASSADO PRESENTE...**

(Mensagem recebida de um dos Irmãos percursoros do Movimento Espírita em Portugal, no início do século passado):

Meus Irmãos, Jesus conosco.

Contando com o tempo na Terra, há quase um século, há mais de um século se oficializou a Doutrina Espírita em Portugal. Nós fizemos parte desse Movimento. Nós, um Grupo dedicado que via na Doutrina Espírita aquela realização de que todos nós necessitávamos para fugir da toga da Igreja, e com que alegria nos entregámos á nossa ‘Menina’, à nossa Sede, à nossa Federação! Com que alegria nos juntávamos uns e outros, discutindo os assuntos relacionados com a Doutrina, e nos debruçávamos sobre os assuntos que nos chegavam do estrangeiro e nos falavam das pesquisas que iam sendo feitas! E nós queríamos que o nosso País

fosse também timoneiro, timoneiro da Europa, timoneiro da Península Ibérica, sem a perseguição que tinha acontecido em Espanha, por exemplo.

Queríamos tanta coisa para o nosso Movimento, mas em todos os cestos há sempre uma maçã podre, e, um dia, houve uma que começou a sacudir aquelas que a incomodavam, mas, mesmo assim, o Movimento persistiu e acabámos por conseguir expulsar do meio de todas as outras que estavam boas, aquela maçã que tinha apodrecido mas que se mantinha ali, a tentar estragar aquilo que era um Ideal puro.

Há sempre alguém que gosta do que escuta, quando quer estragar o que é bom, e a nossa Federação fechou. Mas o Movimento continuou, nas catacumbas. O Movimento não morreu e, um dia, nós que continuávamos deste lado, que continuávamos a agir para que ele não adormecesse sequer, um dia conseguimos, com o esforço dos que tinham ficado para trás, que ele renascesse – qual Fénix que vem das cinzas.

Quanto entusiasmo nos primeiros anos! Quanta alegria, de cada vez que nos juntávamos, uns e outros, quando se sabia que mais um Grupo tinha surgido! Sentíamos-nos felizes, aqui, sentíamos que continuávamos a trabalhar e que o nosso trabalho era positivo... Sentíamos o prazer de ver um Ideal sempre a florescer, mais e mais...

Mas, depois, houve qualquer coisa que o fez adormecer, que o fez enfraquecer, que o fez desinteressar-se.

Hoje, está convalescente, ou está doente. Já nem sei que diga mas nós, deste lado, ficamos felizes sempre que alguém se

abeira de um Centro Espírita ou de uma Casa que se diz Espírita, e vemos que apesar de poucos elementos a Fé existe e a vontade também, e nós, deste lado, queremos unir os espíritas; e nós, deste lado, queremos que o Movimento não morra. Então, continuai a vossa tarefa, continuai trabalhando dentro da Fé que vos anima, porque a Verdade está com Jesus – Caminho, Verdade e Vida – e a Verdade que transmite está na Doutrina dos Espíritos. Sem mistérios – como nós dizíamos com tanta satisfação – é tudo uma revelação que nos diz donde viemos e para onde vamos; que nos diz como sofremos e porque sofremos e de quem é a culpa do nosso sofrimento.

A Doutrina dos Espíritos revela-nos a maneira como podemos chegar a Deus, seguindo o exemplo do Divino Amigo, esse Irmão que um dia mandou para a Terra o Consolador. Reconhecemos que ele consola a poucos, porque muitos o rejeitam, mas é verdade também que ele está na Terra para ficar, e serão felizes todos aqueles que o seguirem, todos aqueles que o procurarem, todos aqueles que o assumirem como se fossem os novos apóstolos da época actual. Porfiai. Segui em frente.

O tempo dos cristãos no Coliseu já passou há séculos, não tenhais medo. Vós sois os propagadores da Verdade. Dai sempre o exemplo. Dai sempre o exemplo do amor fraterno, da caridade, e o Senhor continuará convosco – como está com todos nós ao longo dos tempos, desde a nossa criação.

*A. JOAQUIM FREIRE*, vosso Irmão.

Lisboa, 20/4/023.



## JOHN HUSS

Filho de pais pobres, natural de Husinetz, na Boémia, onde nasceu em 1369.

Aluno gratuito do Colégio de Praga, bem cedo nasceu nele o gosto pelos livros antigos, perdendo-se na leitura de histórias de santos e mártires da Igreja Católica.

Uma vez meteu a mão no fogo, e, enquanto a mãe aflita, o afastava, ele explicou que queria experimentar até que ponto seria capaz de suportar o martírio das torturas. (Parecia adivinhar já então, criança ainda, como seria o seu “final”, ainda distante).

Na Boémia do séc. XIV havia igualdade de Cultura, pelo que ele pôde preparar-se para o sacerdócio, entrando para a Universidade, ainda em Praga, onde lhe foi concedido o grau de Mestre em Artes, sendo inscrito na Faculdade com o título de Magister.

Aos 35 anos já ensinava, aceitara a ordenação de sacerdote e era reitor da Universidade. Fizera-se por si próprio, e escrevia tratados sobre questões religiosas.

Continuava um homem simples, sem esquecer que viera do povo.

Dirigiu o culto da capela de Belém, em Praga, onde as orações eram ditas na língua do País e não em latim, e onde ele

pregava contra a superestrutura económica da Igreja, que se afastava dos fundamentos simples da religião de Cristo, afirmando que, para o Clero viver ricamente, era o povo sacrificado nos tributos que lhe sacavam!

No meio da podridão que as pessoas revelavam descobriu, um dia, um ser correcto: John Wycliffe, doutor em Teologia de Oxford, cujos livros haviam chegado a Praga... esses mesmos livros que fizeram com que fosse apontado como herege. De sobreaviso, João Huss iniciou a leitura daqueles livros, e, quanto mais lia, mais se maravilhava com o que essa mesma leitura lhe revelava: aquelas obras denunciavam os pôdres dos homens corruptos, que viviam à sombra da Igreja e a representavam; elas sugeriam que, em vez das palavras dos sacerdotes, fossem adaptadas as palavras da Escritura, traduzindo-se a Bíblia, para que as palavras de Cristo não continuassem a ser deturpadas!

Huss, reconhecendo em Wycliffe o que pedia nos seus livros era a expulsão dos vendilhões do Templo, passou a ler publicamente aqueles livros, não só à sua Congregação e no púlpito, como aos alunos da Universidade, decidindo que dedicaria a sua vida àquela tarefa.

Nesta sua atitude ele teve, ao princípio, o apoio do monarca reinante que mais tarde, entretanto, se modificou, devido à conduta dos representantes da Igreja, que mostravam o seu desagrado ao rei, e à sua própria doença que o foi enfraquecendo sempre mais.

Com indignação, Huss viu, a atitude do arcebispo de Praga, ao ordenar que todos os livros de Wycliffe fossem queimados. Na revolta que tal ordem lhe criou, John Huss

manifestou-se contra a aquilo que ele classificou como “queimar o pensamento humano”, declarando que as chamas não destroem a verdade e que os livros queimados eram uma perda para a nação inteira, perda essa que se transformou em ganho, pois baseada naquela atitude formou-se um partido empenhado na reforma da Igreja, sendo John Huss o coração da nova reforma.

A população checa, na qual se incluíam os senhores mais poderosos do País, incluindo os barões do reino, o rei e a rainha, sorriam ao ouvir o compatriota... mas bem cedo, pressionados por Roma, o deixaram de apoiar.

Preocupado com as manifestações que surgiam, e nas quais a guarda matou 3 estudantes, não concordando com a violência que se impunha para fazer vingar o poderio religioso, Huss abandonou a cidade e regressou à aldeia onde nascera. Era um homem simples, inspirado pela palavra do Senhor, e assustado com a brutalidade dos homens...

Começou, então, a pregar de aldeia em aldeia e a escrever, declarando que “os livros dos hereges não devem ser queimados mas lidos e examinados; senão, como chegar-se à Verdade?”

Entretanto, os ecos da sua conduta chegaram ao Papa, que quis saber quem ele era... e tiveram de responder, pois outra verdade não havia, que “era reservado e austero; a sua vida e procedimento, um exemplo de abnegação, e tão afastado dos vícios que ninguém lhe podia apontar o quer que fosse contra ele... A presteza em socorrer, até ao mais humilde, ganhavam-lhe mais adeptos que a própria eloquência. Os ignorantes viam nele um santo...”

De Roma partiu, então, uma ordem de excomunhão: “Onde quer que John Huss estivesse, estava proibido de celebrar missa, baptisar crianças ou enterrar os mortos”.

Como consequência da perseguição de que era alvo, os amigos pediram-lhe que desistisse da conduta seguida até então, ao que se negou: em criança pusera a mão no fogo para experimentar a sua coragem... Continuará, ainda que o queimassem vivo! E, nos seus sermões, passou a notar-se a ironia e o desafio contra os cegos dirigentes da Igreja, que adoravam os mortos e perseguiram os vivos!

A novo conselho dos amigos para que desistisse respondeu que, se o fizesse, seria considerado um traidor no dia do Juízo Final!

Finalmente, foi convocado para comparecer perante um Concílio Geral da Igreja, na cidade suíça de Constança, para se defender da acusação de heresia. Ainda contra a vontade dos amigos, que viam naquela convocação uma armadilha para o prenderem, partiu em cumprimento da ordem recebida, com um salvo-conduto passado pelo Imperador, que lhe garantia a liberdade da viagem, e uma escolta pessoal de 2 cavaleiros, aguardando em Constança a chegada do Imperador para o julgamento.

Sem poder falar ao povo, como desejava, devido à excomunhão sofrida, devia agir apenas como um leigo obscuro, enquanto aguardava o Concílio.

Procurado pelo Bispo de Augsburgo e pelo Perfeito da Cidade, foi informado que o Papa e o grupo selecto de cardeais se

havam reunido para uma troca de ideias, convidando-o a comparecer em carácter privado. Declarando que fora a Constança para se defender num julgamento público e não em privado, seguiu-os, entretanto, para comparecer à audiência, tendo sido encarcerado. O convite fora, apenas, mais uma armadilha na qual ele acabara por cair...

Um dos amigos que o acompanharam àquela cidade suíça, o Barão de Chlum, apresentou ao Imperador o salvo conduto que lhe fora entregue para poder sair da cidade onde residia, pedindo a sua libertação... e correu as ruas, a contar ao povo o sucedido, mas fora posto a correr o boato de que Huss, com medo de enfrentar o julgamento, se escondera e fugira... e o povo desinteressou-se de Huss!.

O Barão dirigiu-se, ainda ao Rei, à Rainha, mas a Igreja afirmara que João era um herege e todos se desinteressaram do prisioneiro, que foi transferido da cadeia local de Constança para um Mosteiro, nas margens do lago. Acorrentado e encarcerado na adega húmida, deitado num monte de palha, grande febrão o pôs à morte mas, constando o seu estado, logo dois bispos surgiram para o julgarem, aos quais ele pediu um advogado para o defender pois, no estado em que se encontrava, não se sentia capacitado para o fazer embora estivesse pronto a submeter-se a julgamento – com a ajuda de Deus.

Transmitido o seu pedido ao Concílio, transferiram-no para uma prisão mais limpa e chamaram um médico – para que o conservasse vivo até ao julgamento! O pedido de um advogado foi-lhe negado, porque era proibida qualquer conversa com um suspeito de heresia – como ele era.

Finalmente, meses depois o julgamento: tinham decorrido 6 anos desde que fora excomungado pelo Papa Alexandre V, e dois, desde que fora chamado a Constança, para o julgamento.

Na acusação, constava que ensinava ao povo boémio “vários erros extraídos dos livros queimados e condenados de John Wycliffe. Como professor, organizara um movimento para subtrair a Universidade à influência alemã e convertê-la numa instituição nacional checa. Incitara o povo boémio contra os seus senhores, atizando a rebelião civil na Boémia”.

Defendendo-se, ele respondeu apenas que “apelava para Deus e para a sua consciência. Fossem eles (os julgadores) infinitamente mais numerosos, e ele teria ainda muito mais em conta a própria consciência”.

Nem quando o próprio Imperador o convidou a desdizer-se, John Huss modificou a sua atitude pedindo, apenas, que o levassem de volta à prisão – prisão onde lhe foram falar, tentando persuadi-lo a desdizer-se, fazendo-lhe promessas de perdão e riquezas... ameaçando e redigindo diversas formas de confissão, na ideia de que ele assinasse uma!

João Huss sorria: ele lutava, não contra a Igreja mas contra um princípio pelo qual lhe valia a pena o sofrimento e a morte... E quando entenderam esgotadas todas as formas de persuasão, levaram-no ao Concílio para ouvir a sentença, dita solenemente pelos julgadores: “O corpo do pecador será destruído!”

Amarrado a um poste de madeira com uma corrente de ferro, mesmo assim conseguiu ajoelhar-se para orar enquanto nos fardos de palha que o rodeavam irrompiam as chamas.

Corria o ano de 1415 quando John Huss desencarnou, queimado na fogueira a que os o condenaram os homens que ele desmascarara e se serviam do nome de Deus para, à sombra d’Ele, procurarem o luxo, o ouro, a luxúria...

\*

Allan Kardec... John Huss... Hypollite Léon Dénizard Rivail... Três nomes, três vivências diferentes... um único e mesmo Espírito, imortal, caminhando ao longo dos séculos... à procura da perfeição para mais próximo sentir Deus!

### *MANUELA*

(Baseado na narrativa incluída na obra nº. 10, da Coleção “Vidas de Grandes Religiosos”, da autoria de Henry Thomas e Dana Lee Thomas – coleção de Vidas Célebres, da edição ‘Livros do Brasil’ – Lisboa, e transcrito da nossa Revista, nº. 5, de Março de 1982).

\*

### **SENHORA!...**

Senhora!  
Deixa que me recolha  
No teu regaço de Mãe amorosa  
Quando mais pesarosa  
A Vida não me dê escolha                      Deixa, Senhora,  
E tenha de seguir em frente,                      Que me embale no Teu peito  
Triste, dolente,    Do mesmo jeito  
Sem forças para o que há-de vir!                      Com que embalaste Jesus!  
Eu sei que me falta a Luz  
De Teu Filho tão amado,  
Mas carregando meu pecado  
De Der ainda imperfeito,  
Sou Tua filha também...  
... E pela dádiva de Teu Filho  
Tu também és minha Mãe!  
Beijo tuas mãos que se unem                      Somos todos filhos Teus!...  
Pedindo por multidões,                                      Somos criaturas dos Céus  
Implorando mil perdões                                      Buscando, procurando a Luz..  
Para os trânsfugas de Deus...                              Somos irmãos de Jesus!  
Então, Senhora,  
Deixa que eu me recolha  
Hoje e sempre – eternamente -,  
No Teu colo de Mãe amorosa,  
E ainda que pesarosa  
Deixa que Te chame também  
Hoje e sempre... MINHA MÃE!

### *MANUELA*

## DIA DA MÃE

Um dia, há muitos anos atrás, uma filha quis homenagear sua mãe e, para o fazer, ofereceu-lhe uma flor com umas palavras carinhosas, que diziam do seu muito amor por aquela que lhe dera a oportunidade de reencarnar; no ano imediato repetiu o gesto, mas porque alguém tomara conhecimento do que ela fizera no ano anterior, outras filhas fizeram o mesmo com suas mães.

Criou-se, assim, a homenagem às Mães e foi escolhido o dia especial em que, pela primeira vez, isso acontecera: o 8 de Dezembro, um dos dias dedicados a Maria de Nazareth, Mãe de Jesus – Mãe de todos nós.

Mas os homens não gostam de datas fixas, principalmente quando não são as escolhidas por si e, há alguns anos atrás decidiram que o 8 de Dezembro, na sua homenagem às Mães, tinha de ser alterado, e transferiram-no para o último domingo de Maio... e, logo depois, para o terceiro domingo do mesmo mês, e, depois ainda, até ao presente, para o primeiro domingo – assim como se houvesse muita pressa de se viver essa homenagem... Mas, entretanto, houve quem mantivesse a data primeira, e, convenhamos: se todos os dias são DIA DA MÃE, que mais faz lembrá-la especialmente numa ou noutra data?

Não é ela – a MÃE – que dá a luz de outro Ser à Vida? Não é ela – a MÃE – que cumprindo um horário estabelecido por si própria depois de observada a carência do recém-nascido – que vai alimentando o ente querido acabado de nascer, sustentando-o com o seu Amor e cuidados?

Não é ela – a MÃE – quem mais se debruça sobre o leito pequenino, acarinhando e cuidando, na preocupação de vencer no imediato a doença que invadiu o corpinho indefeso? Não é ela – a MÃE – que de um trapo sem graça consegue o ‘milagre’ de compor a roupinha com que o filho brilhará, no meio das outras crianças?

Não é ela – a MÃE – que segura a mão pequenina que se lhe estende, confiante, para atravessar uma estrada, para defesa de um animal que parece querer atacar, na primeira ida à escola... Não é ela – a MÃE -, quem sopra a ferida que surgiu depois de uma queda, afirmando muitas vezes que ‘Logo, logo, tudo terá passado?’, ou, então, garantindo ainda que ‘Quando casares, já não te lembras!’?

Não é ela – a MÃE – o porto de abrigo que todos procuramos, ao longo da vida, quando as agruras do caminho nos dispersam os passos, quantas vezes fazendo-nos tombar? E Ela estende as suas mãos, ergue-nos, aperta-nos ao seu coração enquanto sorri para nós, transmitindo com aquele sorriso toda a força de que necessitamos para seguir em frente?

E quando, numa escolha mal feita, enveredamos pelo caminho errado, não é ela ainda – a MÃE -, quem procura orientar os nossos passos para o caminho certo, sorrindo ao escutar as nossas palavras de repúdio, sem nos mostrar o quanto as mesmas a ferem e fazem sangrar o seu coração?

MÃE, a palavra mais pequenina que se encontra em qualquer dicionário (onde encontramos o seu significado mas não o Amor, o carinho que ela transmite a cada um que gerou), que se encontra na saudade dos filhos que a viram ‘partir antes do tempo’

– porque todo o tempo é tardio para cada filho que a ame -, ela mantém o seu Amor ainda depois de abandonar a Terra, para proteger, do lado de lá, os que vão chegando, os que se perderam nas estradas da Vida, os que ignoram o como viver depois que a morte lhes bata, também, à porta!

MÃE – que o é ainda, dos filhos alheios, órfãos perdidos no Tempo! MÃE, que como Avó – duas vezes Mãe – continua a amar, a criar, a educar, a dar coração para que todos nele se abriguem!

MÃE – o Ser mais belo, no seu papel criado por Deus, para ser a Sua continuadora, sem contar dias, horas ou anos que lhe sejam necessários para bem cumprir a sua missão!

Que o Senhor abençoe todas as MÃES que, quais Anjos da Guarda, se debruçam permanentemente sobre os seres que Ele lhes entregou – ou sobre os outros, os que perderam aquela que lhes deu a Vida!

Que a Paz e o Amor Divino as envolvam sempre, e que todos os dias possam ser, para cada uma, um FELIZ DIA DA MÃE!

**MANUELA VASCONCELOS**

## O DIA DA MÃE DE TODAS AS MÃES

Olho a neve que cobriu  
Os fios de ouro do teu cabelo  
E vejo como o Tempo abriu  
O seu novelo para nos fazer viver...  
Enquanto eu crescia e aprendia  
O peso dos anos curvava-te sempre mais!  
Os olhos lindos, onde o amor  
Sempre encontrei, têm agora laivos de dor  
Que o riso não disfarça, e por mais que faça,  
As rugas que fizeram caminhos no teu rosto,  
Não desaparecem com os carinhos que dou... e gosto!  
Mãe... Minha Mãe!  
Quantos não têm uma Mãe para amar, acarinhar...  
Com quem falar!  
Sê sempre a Mãe de todas as criaturas que a não têm,  
Porque a perderam ou foram rejeitadas,  
E deixa que quando me sinta afagada  
Partilhe esses gestos de amor com aqueles que o desamor  
Deixou a sós no mundo!  
Beijo-te as mãos neste dia  
Em que com infinita alegria  
Eu te chamo MINHA MÃE!  
Possa o Senhor satisfazer, o meu desejo de te ver  
Quando a Terra, enfim, deixar...  
Porque tu sabes, onde estiveres,  
- No teu jeito de me amar -, no carinho que me deres,  
Sempre estará o meu lar!

**M.**

